

## Carta semanal 15 (2018): O mundo de Trump



A foto acima é de Viena. O desenho da parede foi feito pelo artista Tabby. Captura – em essência – a maneira pela qual uma parte considerável da população mundial vê o presidente dos EUA, Donald Trump. Mas Trump não é o único responsável pelo que parece ser a política irracional dos Estados Unidos. Por que, por exemplo, Trump colocou em prática uma política tarifária contra aliados próximos dos EUA, como Canadá, Europa e México, bem como a China no mesmo dia? Por que não ir atrás da China – que Trump indicou ser um adversário no comércio – e então atacar os outros em seguida? Por que tentar impedir a dinâmica em direção à paz na península coreana e no Irã ao mesmo tempo? Parece faltar uma elementar visão estratégica da Casa Branca.

Tal veredicto, no entanto, é limitado. Não observa como os Estados Unidos enfraqueceram sua capacidade de definir uma agenda global e fazer com que seus aliados acompanhassem. A partir de 1991, os EUA lideraram um conjunto de políticas através de diversas instituições. Esse processo é conhecido como globalização liderada pelos EUA. Durante a última década, a capacidade dos Estados Unidos de impulsionar essa agenda diminuiu. Pode bombardear um país em pedaços, mas isso não pode forçar necessariamente os países do mundo a se conformarem com sua direção política. As Coreias e o Irã não vão ficar isolados porque os EUA o dizem. Até mesmo a Índia continuará a negociar com o Irã. Outros polos surgiram, com outras agendas.

No escritório do *Newslick* em Delhi, me reuni com Prasanth para falar sobre algumas dessas questões. Você pode assistir a nossa discussão de vinte minutos [aqui](#). Recentemente, no *Washington Post*, a historiadora Anne Applebaum chega as mesmas conclusões, mas de um ponto de vista diferente. Applebaum é uma liberal. Ela

gostaria de ver os EUA continuarem a administrar a ordem mundial. Mas isso não é possível, ela sugere. Um mundo multipolar chegou. Trump, ela diz, “acelerou sua chegada”. Essa ideia de Trump como um acelerador é importante e útil. Ele se afasta da visão estreita de que essa incoerência da Casa Branca é pessoal. É um reflexo de grandes mudanças em andamento na ordem internacional.

A China ofereceu sua própria opinião sobre a ordem mundial, com um novo conjunto de instituições e envolvimento que incluem o Projeto Belt and Road, bem como o Projeto String of Pearls. A globalização liderada pela China não é certamente um desafio frontal aos Estados Unidos, mas certamente indicou que o *status quo* instituído pós 1991 não será incontestado. A Rússia, por outro lado, está em um patamar diferente. Suas afirmações na Síria e na Ucrânia são puramente defensivas – em grande parte para proteger seus dois portos de águas quentes. Seria um erro ver a Rússia como uma verdadeira “ameaça” às projeções de poder dos EUA.

O fato de os Estados Unidos não poder mover tão facilmente uma agenda não deveria significar que os Estados Unidos não seja mais importante em assuntos internacionais. Os EUA têm os militares mais poderosos do mundo. Este complexo militar tem um alcance em todo o planeta. A guerra para tentar restabelecer a autoridade é um futuro possível. O mesmo se aplica às duras políticas contra as esperanças das pessoas por uma vida melhor. As cruéis políticas anti-imigração de Trump – espelhadas em partes da Europa – são uma indicação desse uso da força para definir uma agenda (você pode ler sobre essas políticas **aqui**). Quando Roma se sentiu os ventos frios de seu império em colapso, Virgílio ofereceu esta lembrança do suposto destino de seus companheiros romanos: “Impor as obras e os caminhos da paz, poupar os vencidos e derrubar os arrogantes por meio da guerra”. A guerra como antídoto ao colapso da autoridade é uma preocupação genuína.



Aerial port quarter view of the Forrestal Class, Aircraft Carrier USS SARATOGA (CV 60) tied up at the British

Naval Base at Diego Garcia. The ship stopped at the British Protectorate during her 1987 deployment. Visible on the flight deck as F-14A Tomcats, A-6E Intruders and E-2B Hawkeye aircraft.

Na década de 1970, havia muita esperança de que mais e mais pessoas do mundo pudessem sair da noite escura da guerra nuclear – experimentada diretamente pelo Japão – e da tensão constante da Guerra Fria. O Movimento dos Países Não-Alinhados, que representava a maioria das pessoas do mundo, pediu que o Oceano Índico – no mínimo – fosse designado como Zona de Paz. Eles estavam de olho na base naval norte-americana em Diego Garcia, da qual os Estados Unidos organizaram a guerra contra o Vietnã e mais tarde bombardeariam o Iraque. Essa base permanece intacta, as pessoas da ilha há muito deslocadas (a imagem acima é de uma parte dessa base, o oceano em torno dela é espetacularmente belo).

Os europeus e os americanos não são mais os únicos no Oceano Índico. Agora, essas águas esplêndidas estão cheias de navios de guerra de um tipo ou outro. Eles vêm sob o pretexto de anti-pirataria, mas na verdade vêm como parte de uma nova batalha tensa que tomou conta da Ásia – uma disputa entre a China e a Índia ao longo dos canais de Cingapura a Suez. Esta semana, escrevi dois relatórios sobre as tentativas de bloquear as rotas comerciais da China através do Estreito de Malaca e na Europa e África, bem como sobre a tentativa da Índia de forjar seus próprios arranjos navais ao longo das rotas marítimas que correm para o sul do subcontinente. . O primeiro artigo em **The Hindu**, escrito com Françoise Vergès da Ilha da Reunião, é sobre a base indiana na ilha Agalega (Maurício), enquanto o segundo artigo no *Alternet* é sobre a base indiana na ilha de Sabang (Indonésia). O segundo artigo termina com uma advertência sobre os perigos da guerra que surgem da criação dessas bases e das ameaças implícitas por elas.



A guerra e o desperdício de recursos para se preparar para ela, dirige – como várias agências internacionais agora admitem – a fome. Isso é evidente no Sudão do Sul e no Iêmen e ficou evidente durante anos na região dos Grandes Lagos na África. Também é verdade que as mudanças climáticas exerceram pressão sobre certas partes do mundo, áreas dessecadas e, portanto, com recursos sob pressão – locais como a região de Darfur, no Sudão. Na divulgação do Programa Mundial de Alimentos da ONU (WFP) e do Relatório Global sobre Crises Alimentares da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, o diretor do WFP,

David Beasley, disse: “As conseqüências do conflito e da mudança climática são cruéis: milhões de pessoas gravemente, também desesperadamente, com fome”.

Mas o conflito e a mudança climática não são os principais causadores da fome. As agências da ONU fazem um trabalho muito importante na catalogação dos números da fome, mas sua análise freqüentemente deixa de fora o que está abaixo da superfície: um sistema de propriedade privada que nega o acesso deficiente à comida e produz a realidade cotidiana da fome aguda. Se você não tem dinheiro, não pode comer. Essa é a pura verdade. Metade da população da Índia está com fome. Isso não é por causa de guerra ou mudança climática, mas é por causa da desigualdade de renda. À medida que a desigualdade econômica aumenta, a fome aumenta (leia esta pequena **coluna** no *Newslick* sobre a fome).

A foto acima é de Jharkhand (Índia). Foi tirado no ano passado. Uma menina de 11 anos de idade – Santoshi – morreu de fome na cidade de Simdega porque foi negada a sua família rações de comida pelo governo. Governos de todo o mundo começaram a reduzir a distribuição de alimentos aos mais pobres. O governo indiano – hipnotizado pela tecnologia e sua capacidade de vigilância – obrigou a população a obter os cartões Aadhaar para fins de identificação. A família de Santoshi achou difícil conectar seus cartões de racionamento aos seus cartões de Aadhaar. Era esse o significado deles não conseguirem alimentos. Santoshi morreu porque sua família não tinha dinheiro suficiente e porque o governo não forneceu rações de emergência.

Tal é o estado do nosso mundo.

Cordialmente, Vijay.